

COM A PALAVRA



Fotos: Ana Manuela Soares/ADUFRJ

Osvaldo Coggiola

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta- Professor Coggiola, vivemos um ano em que teremos eleições nos Estados Unidos. Até que ponto o resultado eleitoral de lá pode influenciar na conjuntura mundial, na sua opinião?

Resposta- A pergunta deveria ser feita ao contrário: “Até que ponto a conjuntura mundial vai influenciar no resultado da eleição americana?”. A possibilidade, para mim quase certa, de uma vitória dos Democratas, se dá em função do agravamento da crise mundial, principalmente no aspecto econômico. A crise econômica não é apenas o estouro de uma bolha imobiliária, na verdade, é a manifestação de uma grave crise de sobreprodução do capitalismo, que se manifesta de modo, digamos assim, parcial em alguns aspectos, como por exemplo, a crise imobiliária. Mas, essas manifestações parciais se transmitem rapidamente a todos os outros setores da economia, e não devemos nos enganar pela aparência da coisa. Não se trata de uma crise imobiliária, nem de uma crise da bolsa de valores, se trata de uma crise do modo de produção capitalista que se manifesta na questão imobiliária e na bolsa. Em condições de crise política mundial é necessária uma abertura política maior. Os Democratas aparecem como a possibilidade de lançar um diálogo político com setores com os quais a Administração Bush não tem atualmente nenhum tipo de diálogo. Por exemplo, as lideranças iraniana, venezuelana e outras latino-americanas, etc. Então, o mais provável é que tenhamos uma vitória Democrata, em função do que eles procuram uma maior abertura política, e, ao mesmo tempo, uma intervenção mais repressiva nos pontos quentes. Os Democratas já declararam claramente que na questão palestina eles são mais pró Israel do que a própria Administração Bush, ou seja, vão ter uma política mais forte contra o povo palestino, e ainda que não são partidários a tirar as tropas do Iraque, ao contrário, são favoráveis de reforçá-las, e de que são partidários em reforçar o contingente

mantiverem a política do Bush, mais intervencionista como o senhor fala, não criará um conflito interno?

R- Eles não vão manter a política de Bush, eu estou dizendo que eles vão mudar a política de Bush. Mas mudar a política de Bush não significa ser menos intervencionista, significa provavelmente ser mais intervencionista, só que mais intervencionista em dois planos: político e militar. Mais intervencionista não tem nenhuma contradição. Reforçar os ataques ao povo palestino, o intervencionismo no Oriente Médio, as tropas estacionadas no Iraque, as tropas estacionadas no Afeganistão, e em outros pontos de conflito bélico com o fato de abrir diálogos políticos com alguns setores. Qual é a tática? É a tática de qualquer bom lutador, ou seja, tem que selecionar seus inimigos. Se você tem que lutar com muitas pessoas ao mesmo tempo, suas chances de vitória diminuem. Então, o que vai fazer seguramente a administração de Hillary Clinton, ou a de (Barack) Obama, mas é provável que seja a de Hillary Clinton, é escolher alguns setores como inimigos a serem liquidados, e o mais provável é que sejam os palestinos, a insurgência iraniana, iraquiana, na medida em que não compactua com as autoridades estabelecidas. E abrir um diálogo político com setores para promover mudanças políticas com regimes com os quais não há um enfrentamento bélico, ou seja, favorecer a ala moderada no Irã, promover o setor encabeçado pelo general Raul Baduel, na Venezuela, e promover mudanças políticas na Bolívia, entre outras coisas, sempre favorecendo a ala mais moderada, mas não necessariamente se propondo a derrubar esses regimes. Portanto, uma maior abertura política acompanhada de um maior intervencionismo militar.

P- Professor, a questão da crise no setor imobiliário norte-americano, que se irradiou para outros setores da economia, na sua avaliação, que tipo de repercussão mundial isso vai ter e especificamente para a economia brasileira e para a economia da América do Sul?

R- Vai provocar uma recessão mundial.

Haverá recessão mundial

As economias mundiais deverão sofrer um processo recessivo devido ao estouro da bolha especulativa imobiliária nos Estados Unidos. Resta saber qual será o tamanho dessa recessão. A análise é do professor de História Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP), Osvaldo Coggiola, que concedeu entrevista ao Jornal da SEDUFSM, ainda durante a edição do Congresso do ANDES de Goiânia, em janeiro de 2008. Além de historiador, Coggiola é economista, com formação na França. Argentino de nascimento, Osvaldo Coggiola, 56 anos, ministra aulas na USP há duas décadas e meia. Na entrevista, ele fala ainda sobre as eleições norte-americanas, as crises em países sul-americanos e o futuro de Cuba, sem Fidel Castro. No pensamento do historiador, Lula não é amigo de Chávez, apenas tentaria ser um interlocutor privilegiado da América do Sul em relação ao governo Bush.

norte-americano no Afeganistão. Então, nós teremos simultaneamente uma política de maior abertura política, e de maior intervenção nos pontos mais quentes. Ou seja, um intervencionismo maior, um imperialismo norte-americano em nome da democracia.

P- Mas, se os Democratas vencerem não seria por um cansaço da população com a política externa do Governo Bush?

R- O cansaço com os fracassos da política externa, não com a política externa.

P- E, se os Democratas ganharem e

Atualmente, o que se discute é que natureza vai ter essa recessão. Os protagonistas fundamentais desta crise foram os Estados Unidos e a China. A dúvida é se a China vai vender os títulos públicos norte-americanos porque a compra pela China dos títulos públicos norte-americanos mantém os déficits comerciais e fiscais norte-americanos dentro de certos limites, porque é o dinheiro chinês que está sendo usado como produto neste saldo comercial estratosférico que sustenta a política macroeconômica dos Estados Unidos. Mas, os títulos públicos em dólares estão se desvalorizando, porque o dólar está sofrendo uma forte desvalorização. Os